JESUS ARIANO: TEORIAS ANTISSEMITAS SOBRE A ORIGEM DO CARPINTEIRO DE NAZARÉ[1]

André dos Santos Falcão Nascimento[2]
http://lattes.cnpq.br/5767973058116135

Resumo: Este artigo busca apresentar e trabalhar o conceito de Jesus Ariano, ponto de vista cristológico oriundo de acadêmicos antissemitas durante o período do final do séc. XIX ao início do séc. XX. Para tal, expõe o contexto histórico de seu surgimento, demonstrando a sua importância para o Movimento Cristão Alemão na era pré-Segunda Guerra Mundial, e apresenta as teorias de seus seguidores sobre o nascimento, origem, ministério e discurso de Jesus, através de pesquisa bibliográfica em obras atuais de estudiosos sobre o tema. A relevância do tema surge da atualidade das discussões sobre a origem galileia de Jesus, trabalhado pelos defensores da arianidade de Jesus para filtrar todo resquício de judaísmo de sua personalidade.

Palavras-chave: Cristologia; Movimento Cristão Alemão; Antissemitismo; Nazismo; Arianismo.

Abstract: This article seeks to presente the concept of the Aryan Jesus, a cristological point of view from antissemitic scholars from the late 19th century to the beginning of the 20th century. To do that, it exposes the historical context of its appearance, demonstrating its importance to the German Christian Movement in the pre-Second World War period, and presents its followers' theories about the birth, origin, ministry and discourse of Jesus, through a bibliographical research of current works of scholars on the theme. The theme's relevance surges from the currency of discussions about the Galilean origin of Jesus, worked by defenders of Jesus' arianity to filther all residue of Judaism of his personality.

Key-words: Christology; German Christian Movement; Antissemitism; Nazism; Arianism.

[1] Este trabalho é baseado no capítulo "A Teologia do Jesus Ariano", do livro Nazismo e Cristianismo: A relação entre a Igreja Protestante Alemã e o Movimento Nacional Socialista, do próprio autor.

[2] Pastor na Primeira Igreja Batista de Araruama, RJ. Pós-graduando em Teologia Bíblica e Sistemática Pastoral e graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Email: prandrefalcao@gmail.com.

Introdução

O estudo sobre a pessoa de Jesus Cristo remonta aos primórdios da igreja. Ao longo da história, inúmeros questionamentos foram levantados a respeito de quem foi o carpinteiro de Nazaré, sempre buscando responder a demandas levantadas pelos fieis em suas épocas. No processo, várias ideias foram apresentadas, com algumas perdurando até os dias de hoje e outras tantas sendo apagadas pela força do tempo.

Uma dessas ideias, levantada a partir do final do séc. XIX e fundamental para a divisão da igreja alemã durante o governo nazista na década de 1930, foi a visão de que Jesus Cristo não poderia ter sangue judeu. Tal interpretação foi motivada pelo profundo sentimento de repúdio e medo que os europeus, em especial os alemães na época pré-Segunda Guerra Mundial, sentiam do povo judeu, além da visão de que a raça ariana seria superior à raça judaica. Erwin Lutzer afirma, por exemplo, que

> o Terceiro Reich não pode ser entendido sem que também examinemos a doutrina racial: a crença de que somente por meio da linhagem pura a humanidade pode alcançar sua legítima divindade[3].

Já Doris Bergen afirma, sobre a relação entre os judeus e o Movimento Cristão Alemão, surgido no seio da igreja protestante na década de 1920, que "ao embassar as categorias raciais e religiosas, os Cristãos Alemães definiram sua Igreja do Povo como essencialmente e primariamente antijudaica"[4].

Seguindo um histórico de violência física e moral contra a etnia judaica, vários estudiosos buscaram denegrir e rebaixar a "raça judaica" como um todo. Contudo, como não desejavam anular a importância do Cristianismo para a sociedade, buscaram formas de desvincular a religião cristã de sua matriz histórica judaica.

Uma das iniciativas tomadas para realizar este intento foi reinterpretar a figura de Jesus Cristo, analisando sua vida e ministério, separando-os do panorama judaico que a Bíblia apresenta no relato de sua vida. Para chegar à conclusão de que Jesus não poderia ser judeu, os estudiosos

[3] LUTZER, Erwin. *A Cruz de Hitler*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 98.

[4] BERGEN, Doris. *Twisted Cross*: The German Christian Movement in the third reich. Chapel Hill: UNC Press, 1996, p. 22.

analisaram o relato de seu nascimento, seu local de origem, seu ministério duplo de ensino e sinais, seu relacionamento com a liderança judaica e sua constituição divina. Em todos os casos, tais estudiosos buscaram filtrar qualquer traço judaico e místico da figura de Jesus, desta forma "purificando" o pilar sobre o qual o Cristianismo foi construído.

Desconstruindo o nascimento de Jesus

O sentimento antissemita não é algo novo na história da humanidade, porém ele se elevou grandemente na Europa do século XIX, quando houve um afluxo de imigrantes do leste europeu para o continente central, devido a perseguições e saques causados contra o povo judeu. Este sentimento gerou uma série de estudos científicos que buscavam rebaixar o judeu a uma raça inferior à raça ariana, nativa da Europa continental.

Um dos aspectos desse estudo girava em torno do sangue judeu. Durante o final do século XIX, especulou-se que a raça ariana deveria ser purificada para alcançar o seu potencial místico máximo. Esta purificação se daria eliminando-se qualquer mistura do sangue ariano com outras qualidades inferiores (sangue negro ou judeu). Ainda segundo Lutzer[5], Adolf Hitler, chanceler alemão e líder do Partido Nazista, endossava a crença do compositor Richard Wagner de que Jesus não tinha sangue judeu. A teoria de que Jesus seria de origem ariana foi difundida no final do séc. XIX pelo escritor Houston Stewart Chamberlain, porém foi a influência de Wagner que motivou as crenças de Hitler. Antissemita radical, Wagner afirmava que Jesus Cristo nascera com sangue ariano, conforme uma revelação que tivera, e que não se tratava do Cristo judeu do Novo Testamento, mas "de um Cristo que derramara sangue ariano e que lideraria a Alemanha de volta à grandeza que era sua por direito". Paul de Lagarde, um dos grandes acadêmicos semitas, também rejeitou a visão cristã tradicional de que Jesus era judeu, afirmando que isso era uma "distorção intolerável"[6].

Para se chegar a esta conclusão, os estudiosos e teólogos da época se apoiaram em duas teorias a respeito da origem de Jesus: A primeira, de que Jesus não teria nascido de uma virgem, e a segunda, de que a região da Galileia possuía quase nenhum vínculo sanguíneo em relação a região da Judeia.

[5] Ibidem.
[6] HESCHEL, Susannah. When Jesus was an Aryan: The Protestant Church and Antissemitic Propaganda. *In*: ERICKSEN, Robert; HESCHEL, Susannah (Ed). *Betrayal*: German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1999, p. 77.

A noção de que Jesus não teria nascido de uma virgem não é nova. Tal visão foi divulgada pela primeira vez por Orígenes, em sua obra apologética *Contra Celso*[7]. Nesta obra, Orígenes combate ponto a ponto as visões do filósofo estoico sobre Jesus e o Cristianismo. Uma delas, segundo Orígenes, seria a de que Jesus teria nascido de um adultério, tendo sido gerado por um soldado romano chamado Pantera. Henry Chadwick, em comentário sobre a obra de Orígenes[8], nota também que alguns relatos talmúdicos referenciavam Jesus como "filho de Pantera". Chadwick nota que outros apologetas defenderam esta denominação a Jesus apontando que Pantera seria sobrenome do pai de José (ideia defendida por Epifânio) ou que ele poderia ser um antepassado de Maria (André, arcebispo de Creta e Epifânio, monge do séc. IX, citando uma obra perdida de Cirilo de Jerusalém). Porém, para os estudiosos alemães do começo do séc. XX, a afirmação de Celso era histórica e tinha maior validade do que o relato bíblico do nascimento virginal de Maria.

Desconstruindo a origem de Jesus

Para eliminar totalmente a possibilidade de origem judaica de Jesus, os estudiosos alemães precisavam determinar que ele não tinha sangue judeu em suas veias. Relacionando a sua origem paterna a um soldado romano, eles conseguiram alcançar metade do objetivo. A outra metade, porém, precisava trabalhar a origem de Maria, mãe de Jesus. Para tal, os estudiosos afirmaram que o local de nascimento de Maria, a Galileia, não possuía traços sanguíneos judaicos.

Os estudos sobre a formação social da população galileia na época de Jesus se iniciaram ainda no séc. XIX. Segundo Steigmann-Gall[9], o conceito de um Jesus ariano teria surgido nos escritos de Ernest Renan, francês católico estudioso de linguística e religião e na disciplina científica desenvolvida por ele, a filologia. Nas discussões desta matéria, teriam surgido os conceitos de Semita e Ariano, inicialmente para descobrir o local das línguas indo-europeias no momento originário do cristianismo, buscando estudar suas características essenciais em conjunto com as características do idioma semita judeu, e posteriormente sendo utilizados para assinalar características essenciais para as pessoas que as falavam. Segundo Cornelia Essner, o antropólogo alemão Felix Von Luschan teria concluído, em uma assembleia de especialistas em 1892, que "o povo judeu moderno é oriundo 'primeiramente dos Amoritas arianos, em segundo lugar de Semitas

[7] CHADWICK, Henry. *Origen: Contra Celsum*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1980, p. 32.
[8] Ibid, p. 31.
[9] STEIGMANN-GALL, Richard. *The Holy Reich:* Nazi Concepts of Christianity, 1919-1945. Cambridge e New York: Cambridge University Press, 2005, p. 108.

autênticos, final e principalmente dos descendentes dos antigos Hititas'"[10]. Segundo Steigmann-Gall, o próprio conceito de Houston Stewart Chamberlain da arianidade de Jesus teria surgido com esta disciplina, da qual Renan era um dos expoentes, e segundo a própria Heschel, para Renan, durante sua carreira, "idioma, raça, cultura e religião se tornaram intercambiáveis" [11].

A ideia da formação racial diferenciada do povo galileu já era conhecida no séc. XIX. Friedrich Delitzsch, segundo Heschel[12], já havia sugerido que, após a conquista assíria, a Galileia havia sido reassentada com babilônios de origem mestiça ariana. Segundo Heschel[13], vários assiriólogos atestaram que a população da Galileia teria origem gentílica nos séculos imediatamente anteriores aos de Jesus, apesar de se basearem muito mais em mito do que provas[14]. Houston Stewart Chamberlain teria se utilizado dessas pesquisas, dizendo que a prova da arianidade de Jesus vinha do fato de

> a população da galileia nunca ter se recuperado da invasão assíria do séc. VIII a.e.C., e que, mesmo no séc. I e.C., os judeus galileus eram ignorantes do hebraico, relaxados nas práticas religiosas judaicas e viviam entre a população multirracial não-judaica[15].

Após esses estudos iniciais, Heschel[16] afirma que as discussões sobre o Jesus galileu entraram na academia por volta dos anos 20 e 30, sendo especialmente adotados por teólogos que rejeitavam a natureza sobrenatural dos milagres e o dogma cristão estabelecido, em favor de uma abordagem histórica às escrituras, vendo-as como um produto da cultura e das crenças religiosas de

[10] ESSNER, Cornelia; Édouard Conte. A Demanda da Raça: Uma Antropologia do Nazismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 195.
[11] HESCHEL, Susannah. *The Aryan Jesus:* Christian Theologians and the Bible in Nazy Germany. Princeton: Princeton University Press, 2008, p. 33, 34.
[12] HESCHEL, 1999, p. 77.
[13] HESCHEL, 2008, p. 27.
[14] Estes estudos, segundo Heschel (2008, p. 56-62) teriam se iniciado nos anos 1870 com Emil Schürer, como uma tentativa de se estabelecer a natureza da população galileia após a conquista assíria do séc. VIII a.e.C. Schürer especulou, com vários fatores, que a Galileia era uma região essencialmente gentífica, com os judeus vivendo como minoria. Tal linha de pesquisa também aparece no terceiro Congresso Internacional de História das Religiões, em 1908. A autora, porém, mostra-se contrária a esta visão, afirmando que não há provas documentais primárias de um plano assírio de repovoar a galileia com pessoas assírias, mesmo citando o estudo de Albrecht Alt na pág. 61, onde, através de escavações, o pesquisador de Antigo Testamento da Universidade de Leipzig teria encontrado provas de uma colonização de não-Israelitas na Galileia, após a destruição de Samaria em 722 a.e.C.
[15] Ibid., p. 42.
[16] Ibid., p. 58, 59.

sua era. Nota-se aqui, portanto, a influência do liberalismo teológico na mentalidade desses estudiosos.

Desconstruindo o discurso de Jesus

A questão da mensagem de Jesus Cristo como sendo opositora à mensagem do judaísmo seria muito difundida pelo Movimento Cristão Alemão. Em abril de 1939, segundo Bergen[17], um grupo de líderes assinou um documento, a Declaração de Godesberg, onde afirmaram categoricamente que o cristianismo era o oposto religioso irreconciliável do judaísmo. Um mês depois, um grupo de Cristãos Alemães moderados e pessoas de fora do movimento assinaram seu próprio documento em resposta, mas reafirmando que a raça era o único princípio sob o qual o Cristianismo na Alemanha poderia ser organizado e que "não há oposição maior do que a mensagem de Jesus Cristo e a religião judaica da legalidade com sua esperança por um Messias político"[18].

Boa parte da visão de que o discurso de Jesus denunciava sua origem teve seu início nos estudos filológicos do séc. XIX. Segundo Heschel,

> a busca pelo Jesus histórico [...], sua origem dentro do judaísmo, seu surgimento como o primeiro cristão, serviram como um modelo para racializar a análise da religião e cultura, especialmente a partir do momento que o "Semita" estava disponível como uma outra categoria para a narrativa. O drama do enredo, particularmente o contraste entre a vida de Jesus como pregador e sua morte via crucificação, também serviram como um palimpsesto para elementos recorrentes nacionalistas de sofrimento, redenção e triunfo. O mais importante para a racionalização dos evangelhos foi a interação de espírito e corpo, cultura e natureza. Se, como os teóricos raciais argumentavam, a religião era uma expressão da raça, então os ensinos religiosos de Jesus, de acordo com os teólogos, eram evidência de sua herança racial. Se sua religiosidade era única, ele poderia ser declarado distinto racialmente dos judeus. [19].

[17] BERGEN, op. cit., p. 24.
[18] Ibid., p. 25.
[19] HESCHEL, 2008, p. 32.

Uma obra muito popular que questionava a origem de Jesus através de seu discurso foi publicada em 1921, conforme aponta Édouard Conte[20], por Artur Dinter. O romance, chamado *O Pecado Contra o Sangue*, que se tornou o livro de cabeceira do movimento *völkisch* (segundo Steigmann-Gall[21], esse livro vendeu 235 mil cópias entre seu lançamento, em 1918, e 1927, sendo o romance mais popular escrito por um nazista na história). Nesse livro, o protagonista, alemão loiro, fala em um discurso para sua amada, filha de seu rico patrão judeu, sobre a vida e a mensagem de Jesus.

O protagonista, Hermann Kampfer (literalmente "O guerreiro combatente", segundo Conte), afirma que Jesus não poderia ser judeu, por dividir o seu pensamento do pensamento e da sensibilidade judaicos. Segundo o protagonista, por pregar interioridade, desinteresse e sinceridade, a ideia de um Jesus judeu era incoerente, já que os judeus pregavam exteriorização, egoísmo e fraude. Esse conflito de ideias só poderia ser explicado pela diferença racial entre Jesus e os judeus.

Desconstruindo o ministério de Jesus

Esta oposição de fé entre Jesus e os judeus foi muito trabalhada ao longo dos anos finais do séc. XIX e começo do séc. XX. Segundo vários estudiosos, "a originalidade da fé de Jesus" só poderia ser restaurada removendo-a do contexto do judaísmo que deturpou a sua mensagem, e apresentando a Cristo como "uma figura heroica com uma fé audaz em Deus que o levou a se posicionar descompromissadamente contra a falsa piedade do seu tempo"[22].

A oposição entre a Judeia e a Galileia como centros culturais e religiosos opostos também foi um ponto desses estudos. Segundo Heschel[23], essa linha de pensamento, inicialmente popularizada por Chamberlain, recebeu um prestígio enorme através do trabalho do distinto pesquisador em cristianismo antigo, Walter Bauer, professor de Novo Testamento da Universidade de Göttingen. Em um artigo de 1927, denominado *Jesus da Galileia*, Bauer teria identificado o povo galileu como sendo definitivamente não-judeu e fora da influência política de Jerusalém. Nesse sentido, se

[20] CONTE, op. cit., p. 33.
[21] STEIGMANN-GALL, op. cit., p. 20.
[22] HESCHEL, 2008, p. 59.
[23] Ibid., p. 60.

explicaria a recepção positiva de Jesus na Galileia, em contraste com sua recepção altamente negativa no Templo de Jerusalém[24].

Após analisar essas questões, fica a pergunta: quais eram as influências na configuração desse novo Jesus, distinto do movimento judaico? Além da influência assíria, alguns estudiosos começaram a teorizar, ao comparar os textos sagrados de outras religiões com o cristianismo, que haveriam correlações entre ambas que provariam que o relato bíblico de um Jesus judeu não poderia ser verdadeiro. Heschel cita vários estudiosos que tentaram fazer paralelos entre a vida de Jesus e a vida de Buda, como Arthur Schopenhauer, que afirmava uma correlação entre os dois personagens porque ambos "pregavam ascetismo"[25]. Outros estudiosos, segundo ela, teriam começado a analisar o Zoroastrismo para encontrar pontos de encontro com os ensinamentos de Jesus que demonstrassem a sua raça.

Entretanto, segundo Heschel, o povo do leste era muito remoto e efeminado, segundo alguns alemães nacionalistas, para ser aceito como total orientador da origem de Jesus Cristo. Nesse sentido, a partir dos anos 1890, Jesus começou a ser descrito como uma combinação da "imanência do Ariano do Leste com a forma e pureza racial do alemão, como exemplificado nos mitos teutônicos" [26]. Esta teoria mostrou-se extremamente perigosa, segundo Heschel, pois, com base na teoria de um pastor da época - de que Jesus marcou a transição de um Deus transcendente para um Deus imanente dentro de nós, sendo esta presença prova da identidade germânica de Jesus – o foco da preocupação cristológica passou da incarnação de Deus para a divinização do homem, abrindo caminho para a identificação de Hitler e do povo alemão como divinos ou até mesmo como a personificação de Cristo[27].

A pergunta que resta, então, é sobre a teoria dos autores para o fato do cristianismo ter se re-judaizado nos anos seguintes à morte de Jesus. A teoria, desde a época de Renan defendida por Paul Legarde, seria a de que os ensinamentos de Jesus Cristo teriam sido pervertidos ao longo dos anos. A autoria dessa perversão é que seria o ponto de discórdia dos estudiosos: Legarde, segundo Heschel[28], joga a culpa em Paulo, judeu declarado no próprio texto bíblico, que teria reconfigurado a imagem de Cristo de um herói antissemita para um niilista, que negava a identidade racial do

[24] Idem.
[25] Ibid., p. 39.
[26] Ibid., p. 41.
[27] Idem.
[28] Ibid., p. 42.

homem ao clamar que "não há judeu nem grego" [29]. Já Walter Grundmann joga a culpa não em Paulo, mas nos autores judeus dos evangelhos[30].

Essa noção, porém, é combatida por Chamberlain, ao afirmar que Paulo foi influenciado em sua teologia pelas religiões helenistas de mistério, orientadas pelas religiões orientais, particularmente o budismo e o persianismo. Nesse sentido, Chamberlain defende a arianidade também do restante dos escritos paulinos.

A questão da origem antijudaica de Jesus, porém, não era unanimidade. Segundo Hershel[31], Ernest Renan, em sua famosa obra de 1863, *Life of Jesus*, Jesus é caracterizado como um galileu que transformou-se de judeu em cristão, descrevendo o cristianismo como uma forma religiosa purificada de qualquer judaísmo. Desta forma, Renan diverge de seus sucessores, ignorando a questão racial na origem galileia de Jesus e partindo para um viés mais religioso.

Conclusão

Após fazer essa análise, precisa-se levantar um novo questionamento: Qual teria sido, então, a motivação de um grupo de cristãos para aceitar essa teologia e divulgá-la ao povo alemão como sendo a verdadeira? Seria apenas uma conseqüência direta do Ponto 24 do estatuto do NSDAP, ou haveria outras motivações escondidas?

Existem muitas respostas hipotéticas para essa pergunta. Heschel afirma que haveria um "sentimento de vergonha pelas origens do Cristianismo e sua dependência do Judaísmo, encorajando teólogos a inventar narrativas originárias alternativas dentro do Budismo, Zoroastrismo ou em um vago 'Arianismo'"[32]. Ou seja, a aceitação e divulgação dessa teologia seria uma reação emocional de um grupo de cristãos que tentava enquadrar o cristianismo dentro do plano nazista.

Já Lutzer afirma que a motivação dos líderes da igreja era apoiar deliberadamente os líderes alemães, alinhando a igreja com o nacional-socialismo, pois "eles pensavam que a Alemanha forte significaria uma igreja forte"[33]. Ou seja, para Lutzer, a motivação desses teólogos teria conotações mais práticas, mediante a associação do poder nacional com a fé da população.

[29] Rm. 10.12, Cl. 3.11.
[30] HESCHEL, 2008, p. 58.
[31] Ibid., p. 34.
[32] HESCHEL, op. cit., p. 27.
[33] LUTZER, op. cit., p. 134.

Bergen[34], por sua vez, afirma que os ideais cristãos-alemães surgiram em paralelo ao movimento nacional-socialista e beberam da mesma fonte: A cultura do período pós-Primeira Guerra Mundial, ou seja, não houve uma relação de causa e conseqüência direta entre a ascensão do nazismo e a disseminação destas políticas[35], mas sim que foram dois fenômenos naturais, oriundos do mesmo grupo de fatos sociais e históricos que afetaram a Alemanha durante o começo do séc. XX.

De qualquer forma, seja qual for o motivo, o fato é que o movimento cristão-alemão adotou como uma de suas premissas a noção de que Jesus Cristo não poderia ser judeu, adotando-o como um campeão ariano que lutou contra aquele grupo. Como a intenção do movimento era desvincular o cristianismo do judaísmo, é fácil perceber que o movimento não se deteria apenas na desjudaização de Jesus, mas sim que ele partiria para uma estratégia maior: Desjudaizar a religião cristã como um todo.

Referências Bibliográficas

BERGEN, Doris. *Twisted Cross:* The German Christian Movement in the Third Reich. Chapel Hill: UNC Press, 1996.

CHADWICK, Henry. *Origen: Contra Celsum*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1980.

CONTE, Édouard, ESSNER, Cornelia. *Demanda da Raça:* Uma Antropologia do Nazismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

HESCHEL, Susannah. When Jesus was an Aryan: The Protestant Church and Antissemitic Propaganda. *In*: ERICKSEN, Robert; HESCHEL, Susannah (Ed). *Betrayal*: German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1999.

____. *The Aryan Jesus:* Christian Theologians and the Bible in Nazy Germany. Princeton: Princeton University Press, 2008.

LUTZER, Erwin. *A Cruz de Hitler*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

NASCIMENTO, André dos Santos Falcão. *Nazismo e Cristianismo*: A relação entre a Igreja Protestante Alemã e o Movimento Nacional Socialista. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

[34] BERGEN, op. cit., p. 3.
[35] Idem.

STEIGMANN-GALL, Richard. *The Holy Reich:* Nazi Concepts of Christianity, 1919-1945. Cambridge e New York: Cambridge University Press, 2005.